

A RECUPERAÇÃO DA CONFIANÇA NO PAPEL DO PASTOR COMO CONSELHEIRO EFICAZ

Eurípedes Pereira de Brito¹

RESUMO

O aconselhamento pastoral exige a recuperação da confiança no papel do pastor como conselheiro confidencial. Essa perda de confiança, diretamente relacionada à insegurança gerada pelo medo de exposição pública dos problemas confiados ao pastor, muitas vezes leva as pessoas que estão em luta espiritual a preferir e buscar ajuda fora do gabinete pastoral. Uma breve pesquisa de campo confirmou o que o senso comum tem demonstrado e, a partir dela, procurou-se situar o problema; e a partir de pesquisa bibliográfica, numa busca teológica na linha da teoria do aconselhamento pastoral, verificou-se que o papel terapêutico do pastor, como guia espiritual, encontrado nas Escrituras Sagradas, não pode ser desprezado. O presente artigo procura não somente discutir o assunto, levantando possíveis causas do abandono da procura do pastor em momentos de crise, mas também apresentar sugestões importantes na busca da recuperação dessa confiança.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral; confiança; papel do pastor.

ABSTRACT

Pastoral counseling demands a recovery of trust in the pastor as counselor. Loss of trust is directly linked to insecurity caused by public exposure of problems entrusted to the pastor, this can make people, who are currently in spiritual warfare, prefer and seek help outside church. A short research in this field confirmed what common sense has shown, and from there, the problem was placed. The bibliographical research conducted to a conclusion that the therapeutic role of the pastor as spiritual leader, found in the Holy Scriptures, cannot be despised. Therefore the present article seek not only to discuss the subject, leading to possible causes of neglect in seeking a pastor in moments of crises, but also to present important suggestions to the revival of trust.

Key Words: Pastoral counseling, confidence, role of pastor

¹ O autor faz parte da coordenação da Pós-Graduação em Aconselhamento Pastoral das Faculdades Integradas da Fama (FAIFA). Doutor em Teologia Prática com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. E-mail-euripedesbrito@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando se trata de falar do mais íntimo do coração, muitas vezes o pastor é o último a ser procurado e o último a saber de algumas crises profundas pelas quais passam suas ovelhas. Hoje têm-se procurado psicólogos e terapeutas em geral, em grande parte fugindo-se do pastor. Algumas vezes, infelizmente, cristãos caem nas mãos de pessoas com conceitos não cristãos e, até mesmo nas mãos de *lobos*. Afirmam-se a importância do ministério compartilhado com outros irmãos da comunidade de Cristo e a necessidade, em alguns casos, de profissionais da Psicologia ou da Psiquiatria no socorro às pessoas em situações de crises pessoais. No entanto, questiona-se: “deveriam os cristãos procurar ajuda profissional, nos casos de crises pessoais ou relacionais, deixando de lado a assistência pastoral?”

Conforme as Escrituras, pastores e o próprio ministério do aconselhamento são dádivas de Deus para sua Igreja (Ef 4.11; Cl 3.15). Há, portanto, a possibilidade de grandes perdas em se deixar o pastor-conselheiro de lado em momentos tão cruciais do ciclo da vida. Então, é importante a busca da restauração da confiança no papel do pastor e do aconselhamento pastoral.

O presente artigo tem como objetivo discutir a problemática da desconfiança e abandono da procura pastoral em momentos cruciais da vida e propor algumas sugestões para a restauração dessa confiança. A metodologia no levantamento da situação do problema foi a da pesquisa qualitativa e, para a discussão ampliada do problema, usou-se a pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva do aconselhamento pastoral.

1 UMA PEQUENA AMOSTRA

Foi realizada uma breve pesquisa na busca de um quadro demonstrativo que pudesse ajudar no levantamento da situação problema (abandono da procura do pastor em situações de crises pessoais, envolvendo, principalmente, questões de queda moral). A pesquisa foi feita com um pequeno grupo de cristãos para que se pudesse, de forma qualitativa, representar um pouco do que tem acontecido em relação ao número crescente de pessoas que deixam de procurar o pastor na hora em que estão sofrendo, principalmente quando se trata de sofrimento por queda moral e a batalha na procura de se levantar. A pesquisa foi feita com estudantes de Teologia numa amostra a partir de um grupo de 30 alunos. No primeiro semestre de 2009 na cidade de Goiânia, mediante

aplicação de questionário em ambiente fechado, e previamente preparado com a duração de 30 minutos.

Foram feitas, de forma simples e direta, as seguintes perguntas: “A quem você primeiramente procuraria na busca de ajuda se estivesse passando por uma crise moral, pessoal, que agredisse os princípios de sua fé?”, “E, se já passou por uma crise desse nível, qual pessoa procurou?”

Apresentam-se, das respostas obtidas, algumas que foram julgadas importantes para esse artigo: uma pessoa entrevistada afirmou que não procuraria o seu pastor para confessar uma situação de queda moral. Primeiro, porque o pastor a disciplinaria; segundo, porque o pastor a levaria a uma situação de vexame público; terceiro, porque não suportaria correr o risco de ser exemplo citado. A segunda pessoa afirmou: __ “Eu não fui a minha mãe, ou ao meu pastor,... eu fui a Deus.” A terceira pessoa disse: __ “Não me aconselho com ninguém. Não senti confiança nem preparo nos pastores da minha igreja.” A quarta pessoa afirmou: __ - “Procurei o pastor algumas vezes, mas confesso que nem sempre gostei do que ouvi e tive dificuldade de o procurar outra vez.” A quinta pessoa: __ “Procurei um amigo. O pastor não foi procurado por vergonha e receio.” __ “Procurei o pastor. Porém, [ele] jogou o caso para outro resolver” __ “Sempre procurei o pastor.” A sexta pessoa: __ “pude contar, muito, com a assistência dos meus pastores.”

Essa breve pesquisa qualitativa demonstra que a maioria das pessoas não tem procurado os pastores para com eles compartilhar suas ansiedades, dores profundas, pecados inconfessos que perturbam a alma, verdades doloridas, permanecendo, muitas vezes, com rachaduras abertas no mais profundo do ser.

1.1 TENDÊNCIAS DO PASSADO RECENTE

Quando se trata de queda moral, historicamente, igrejas evangélicas, disciplinaram seus membros expondo-os publicamente, mesmo quando o pecado não era público. Pessoas já passaram por situações vexatórias, humilhantes e preconceituosas (FÉLIX, 2004, p. 34-35).

De fato, não tem sido raro, infelizmente, as vezes que pastores(as) e pregadores(as), de forma impensada e imatura, têm trazido os problemas do aconselhamento para o púlpito, expondo as pessoas e criando um abismo entre elas e o gabinete pastoral. A história confirma a dura realidade de pessoas que procuraram o

pastor em busca de ajuda diante de pecados e falhas pessoais, e acabaram sendo expostas diante da liderança da igreja que, posteriormente, expuseram-nas publicamente. Muitas vezes a exposição foi feita com a imposição de *fardos pesados* que os próprios impositores não podiam carregar, uma postura encontrada nos fariseus legalistas dos dias de Jesus que, conforme ele mesmo disse: “eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.” (Mt 23.4).

Como conselheiro, o autor foi procurado por membros de outras igrejas, totalmente doentes, e tomados do medo de compartilhar o seu problema com a liderança da igreja, pela maneira que suas comunidades têm tratado o problema de outros membros. Há pouco tempo soube de um pai (um presbítero) que expôs o seu filho com sua noiva publicamente, dizendo que era para servir de exemplo. Eles haviam comunicado ao pai o fato de terem tido relações sexuais antes do casamento, que a moça estava grávida e que queriam se casar, pois se amavam e, inclusive, se submetiam à disciplina da igreja. Talvez até aquele pai pudesse ter compartilhado com a comunidade, pois era uma comunidade pequena e logo seus membros veriam que a moça estava grávida, mas fazer isso, com a presença do casal e, ainda, tomando-os como exemplo, humilhando-os diante do povo de Deus é, no mínimo, questionável! Esse tipo de atitude afasta os filhos e cria nos membros da igreja medo e pavor, em vez de crescimento e maturidade. Por causa de ações pouco ou mal refletidas como essas é que muitos cristãos passaram a fugir de pastores e líderes cristãos que deixaram de ser vistos como *homens sábios*, cheios de palavras de aconselhamento para os momentos de grandes perplexidades da vida. Assim, pessoas passaram a fugir, escondendo-se até o ponto de procurarem outros conselhos, continuando, muitas vezes, a sofrer por estarem fora do conselho de Deus.

Outra tendência, muito presente ainda em nossos dias, é a de teólogos caminharem numa linha muito filosófica, deixando os aspectos mais humanos encontrados numa teologia bíblica. A Teologia bíblica busca aproximar-se de Deus e do homem ao mesmo tempo. Criticando a Teologia precedente a de seu tempo, Oskar Pfister, o primeiro pastor a combinar a Psicoterapia com a cura de almas, afirmou:

A teologia não pode dar respostas satisfatórias às perguntas dos anseios mais profundos, do desamparo mais aterrador, da esperança fulgurante, que não permitia compreender o processo de salvação do renascimento, da cura, porque não se ocupava com a fé viva, mas somente com seus fundamentos teóricos, dogmas e opiniões religiosas [...] ao invés de ocupar-se com as necessidades da personalidade vivencial. (PFISTER, *Apud* THOULESS *apud* KATZ, 1977, p. 339, 350).

Em sua pesquisa, León (2001) observa que Pfister acreditava que, no seu tempo, havia doutrinas religiosas que liberam o ser humano da angústia e as que as produzem. Pfister acreditava, ao mesmo tempo, que se poderia purificar a fé mutilada, conservando as doutrinas que liberam o ser humano e destruindo as doutrinas que produzem angústias.

Para Thouless (1977, p. 350), o problema que ocupava Pfister seria, em resumo: “que o Cristianismo, a princípio, tinha a finalidade de liberar as pessoas da angústia e capacitá-las para o amor, mas que, no transcorrer de sua história, havia perdido esta finalidade e produzido angústia e ódio”.

2 ATITUDES QUE PODEM AJUDAR

A recuperação da confiança para a procura do pastor, necessariamente passa por algumas atitudes que, primeiramente, deveriam proceder dos próprios pastores.

2.1 EXERCER A DISCIPLINA COMO UM ATO DE AMOR VISANDO A RECUPERAÇÃO DO CULPADO

Até pouco tempo, por um lado, quase todo ato disciplinar na igreja era público e, muitas vezes, levava a um estado de humilhação e exposição dos caídos, com vistas mais à recuperação da visibilidade da igreja como pura do que com vistas à recuperação do ferido (FÉLIX, 2004). Hoje, na maioria das vezes, nenhuma disciplina ocorre.

Num tempo em que o amor tem sido entendido como uma disposição de aceitar tudo que as pessoas fazem como normal e aprovado por Deus, é preciso afirmar que a restauração com o propósito do aconselhamento e da disciplina da igreja não é apenas receber as pessoas como elas estão, e então fingir que está tudo bem; se, por um lado, o pastor-conselheiro não pode deixar as pessoas feridas abandonadas, por outro, não pode receber as pessoas abatidas por queda moral como se nada tivesse acontecido, pois isso não restaura o ferido. A disciplina que é exercida com amor é a disciplina que experimenta o amor restaurador. White; Blue (1992) recomenda a trabalhar por uma restauração que é mais do que apenas trazer a pessoa à comunhão. Para ele, a restauração também tem o sentido e o significado de curar e reabilitar, nas suas palavras:

Não usamos a palavra restauração no sentido de ser trazido de volta à comunhão, mas no sentido de conduzir a pessoa à santidade que tinha antes de pecar. Na melhor das hipóteses, significa, na prática, algo mais do que a acanhada definição que a palavra poderia sugerir, pois torna a pessoa melhor, mais sábia e mais forte. É para tal condição que o arrependimento deve ocorrer. (WHITE; BLUE, 1992, p. 65).

Como afirma Torrance, “qualquer teologia fiel à igreja de Jesus Cristo não pode ser senão uma teologia de reconciliação, porque a reconciliação pertence à natureza essencial e à missão da igreja no mundo.” (TORRANCE, 1975, p. 7).

2.2 CORAGEM PARA TRATAR DAS FALTAS VELADAS DE FORMA VELADA

Nem todo problema é público, pois há faltas que são veladas; portanto, pastores deveriam orientar a liderança de suas igrejas que esses problemas seriam tratados, ou, pelo menos, que tentaria tratá-los de forma velada. Mas, como alguém disse: “e se o problema vier a ser público posteriormente, ficando o pastor exposto como um que esconde pecados?” Parece que é isso mesmo que o pastor-conselheiro(a) tem que arriscar. O pastor deve ser aquele que “dá a vida pelas ovelhas” como o fez e ensinou o supremo pastor, Jesus. Claro, ainda há o fato de que o pastor-conselheiro(a) pode demonstrar que vinha lidando com a situação da melhor maneira possível. O livro de Provérbios aconselha a sabedoria de cobrir multidão de pecados, pois o mexeriqueiro é que espalha os segredos (cf. Pv 20.19). O pastor é autoridade espiritual para, inclusive, disciplinar, de forma velada, a pessoa em falta, o que não teria menor peso espiritual para o faltoso. Deve-se entender disciplina aqui como todo o processo, como por exemplo, uma exortação, ou limitação de privilégios, o acompanhamento do disciplina e sua restauração. Ou seja uma das exortações em relação ao ministério pastoral no Antigo Testamento, é que o pastor deixou de curar a ovelha ferida. (cf. Jr 23.2).

Na experiência pessoal do autor, já foram recebidas muitas pessoas confessando pecados velados, os quais não eram sabidos por outros a não ser pelos envolvidos. Há o caso de um líder em que a pessoa agredida foi quem procurou ajuda: uma mulher que fora assediada sexualmente, num momento de aproveitamento, por um líder da comunidade. Quando procurado para conversar, na tentativa de buscar seu arrependimento, ele começou a tratar o conselheiro de forma rude, confrontando-o como se este não tivesse o direito de lhe falar do problema. Aquele líder se via invadido e com a perspectiva de que o conselheiro agiria como um acusador e cobrador e o trataria como um estranho e não como uma ovelha amada; tinha medo de ser exposto publicamente e de que sua família fosse destruída. Foi-lhe afirmado, ao se perceber aquela situação reativa, a amizade, garantia de que era o pastor, com coração de pastor, que estava se importando com ele e que não estava lhe procurando para acusá-lo, mas para buscar conciliação. Ele, então, desarmou-se e rasgou seu coração, confessando que havia

cometido aquele mal terrível, que havia perdido a cabeça e avançado sobre aquela mulher indefesa que, com sua dignidade, o afastara com as forças encontradas.

Naquele momento, para grande surpresa, ele já havia procurado aquela senhora, confessado a sua vergonha, pedido perdão, e conquistado o perdão dela. Ela, por sua vez, fizera-lhe a promessa de que não o exporia e o ajudaria na preservação da sua família. Se o conselheiro tivesse chegado tentando humilhá-lo e até chegasse a expô-lo, exposto estaria o próprio conselheiro numa situação pastoral irremediável. Esse homem tornou-se um grande amigo e sua família e ministério foram preservados. Ele caiu em si e aproveitou o quebrantamento trazido pelo Espírito Santo e buscou crescer na sua vida cristã.

Muitas vezes, tratando desse tema com alunos de cursos de aconselhamento, o autor foi abordado pelo questionamento de que, se assim o fizessem e depois o problema se tornasse público, ficariam expostos e, principalmente, se esse conselheiro fosse pastor, ficaria exposto “como ocultador de faltas, de não tratar de forma devida e séria a situação, ou mesmo de negar as Escrituras, deixando de disciplinar publicamente as pessoas.” Contudo, pastores precisam se arriscar por suas ovelhas. A comunidade pode ser informada que a situação vinha sendo tratada até o momento de forma velada, pois era uma situação velada e que agora, que se tornara pública, deverá ser tratada publicamente. Mas é importante lembrar que “o bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (cf. Jo 10.11), seguindo o exemplo de Cristo; e que pastores precisam “arriscar a pele” por suas ovelhas. Este é um dos grandes dilemas que conselheiros enfrentam: “se eu não expor a ovelha, posso arriscar a expor o meu ministério.” E assim, muitas vezes, as pessoas são expostas para *dar o exemplo, purificar* a igreja de seus problemas e preservar a idoneidade pastoral.

2.3 CORAGEM PARA TRATAR DE DISCIPLINA PÚBLICA VISANDO A CURA E RECUPERAÇÃO DO FALTOSO, E O CRESCIMENTO DA COMUNIDADE EM AMOR E MISERICÓRDIA

Tem-se discutido a necessidade de se tratar de disciplina publicamente. Pelo que parece, há algumas ocasiões em que a disciplina precisa ser pública. Jesus disse que se a pessoa resistir à liderança da igreja, e somente em última instância, o problema deveria ser tratado publicamente (cf. Mt 18.17). Em todos os casos, a disciplina visa o bem do faltoso. A igreja de Jesus jamais deveria deixar de exercer disciplina com profundo amor,

que visasse a recuperação plena do faltoso. Quando há a necessidade de se expor publicamente a disciplina, a comunidade deve ser orientada a amar a pessoa em processo de restauração e o pastor precisa ser visto como um pai da família procurando o bem de todos, apascentando o rebanho, conduzindo a todos na direção da restauração.

3 RESTAURAÇÃO DA IMAGEM DO PASTOR COMO UM GUIA ESPIRITUAL INDISPENSÁVEL

Dentro do Cristianismo, tendo como ponto de partida o próprio Judaísmo, verificam-se as vidas dos profetas e sacerdotes como verdadeiros diretores espirituais. Estes eram homens e mulheres sábios, que foram considerados *guias espirituais* crucialmente importantes para a vida do povo. Nos apóstolos e pastores do período do Novo Testamento, e na própria história subsequente da Igreja, principalmente no séc. IV, há rica presença desses *guias espirituais*. Os chamados *pais do deserto*, na ortodoxia medieval, são uma clara demonstração dessa tradição florescente (CLINEBELL, 2000). Clinebell observa que a tradição protestante evitou a expressão *direção espiritual*, mas exerceu esse ministério de forma atuante.

Lutero praticou um ministério de direção espiritual, Calvino preocupou-se com a orientação da consciência, e Richard Baxter, em seu clássico *The Reformed Pastor* (1656), recomendou que os pastores não deveriam tratar com displicência o trabalho de conselho pessoal. Assim, fica claro que a tradição cristã tem considerado a direção espiritual uma dimensão central da poimênica (CLINEBELL, 2000, p. 110).

Conselheiros precisam reconhecer a *direção espiritual* como uma forma de aconselhamento pastoral (BARRY, 1977). Essa forma deveria ser o cerne de onde procederiam as outras formas de aconselhamento pastoral.

Na aproximação das Ciências Humanas, principalmente da Psicologia, pastores e conselheiros cristãos tendem, muitas vezes, a perder o seu papel de conselheiros como *guias espirituais*. Clinebell (2000) sugere que seja usado esse termo ao invés de *diretor espiritual* por causa das associações empresariais e hierárquicas da palavra *diretor*. Para ele, os *guias espirituais* não deveriam ser pessoas desqualificadas, mas pessoas com

conhecimento de causa e experiência, guias estes que, ao mesmo tempo, caminham com as pessoas como companheiros de jornada. Para ele,

As pessoas esperam que aconselhadores pastorais as ajudarão não apenas em relação a seus problemas matrimoniais, suas questões vocacionais e seu pesar por alguma perda sofrida, mas também e muito especialmente em relação à sua busca de sentido, à sua busca de Deus. Portanto, o cerne da poimênica e do aconselhamento pastoral para as pessoas de nossos dias pode consistir em ajudá-las a encontrar sua rocha [...] em ajudá-las a centrar suas vidas no mistério que chamamos de Deus. Se os aconselhadores pastorais não estão em condições de oferecer tal ajuda, seus clientes poderão, no fim, sentir que se lhes ofereceu uma pedra no lugar de pão. (BARRY, 1977, p. 5-6).

Isso leva a dois aspectos muito importantes: primeiro, o conselheiro cristão precisa ter uma clareza de seu papel espiritual; segundo, o conselheiro cristão deve se preocupar com sua qualificação pessoal para o exercício do ministério. Tanto a falta de firmeza no reconhecimento do seu próprio papel, como o despreparo e a desqualificação para o ministério do aconselhamento pastoral são fatores que levam as pessoas a se afastarem dos pastores na hora de uma grande necessidade espiritual, como tem-se observado, principalmente, em momentos de queda moral.

CONCLUSÃO

Conclui-se que resgatar a confiança no papel do pastor como conselheiro é um assunto urgente da agenda cristã. O desprezo para com a ação pastoral em casos de crises pessoais, principalmente em momentos de quedas pessoais, pode trazer grandes prejuízos espirituais para pessoas desavisadas que, ou por medo, ou por fuga, deixam de confiar aos seus conselheiros pastorais os problemas mais profundos da alma. Como foi observado, não se despreza aqui a ajuda de outros profissionais, mas destaca-se a necessidade inegociável do papel do aconselhamento pastoral em momentos de crises espirituais, exigindo a presença indispensável do conselheiro cristão. Essa confiança, conclui-se, primeira e primordialmente pode ser resgatada a partir do próprio conselheiro, que deveria, em suas ações, conquistar as pessoas, para que, confidencialmente exponham suas dores mais profundas, sem medo de serem condenadas ou expostas.

REFERÊNCIAS

BARRY, William. "Spiritual Direction and Pastoral Counseling", *Pastoral Psychology*, 26 (1): 4, 5-6, outono, 1977.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CLINEBELL, Howard J. Aconselhamento Pastoral. *Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*. Trad. de Walter Schlupp e Luís, Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

FÉLIX, Addy. *Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil*: interpretação e comentários. São Paulo: Associação Religiosa Imprensa da Fé. São Paulo: 2004.

LEÓN, Jorge A. *Introdução à Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

THOULESS, Robert H. *Religion y psicologia*, in: DAVID E ROSA KATZ, Manual de Psicologia, Ediciones Morata, 1977, p. 339-350.

TORRANCE, Tom F. *Theology in Reconciliation*. London: Geoffrey Chapman, 1975.

WHITE, John; BLUE Ken. *Restaurando o ferido*. Traduzido por Wilson Villanova. Deerfield, Florida: Editora Vida. 1992.